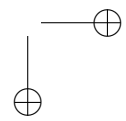
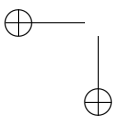
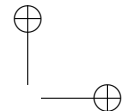
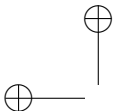




# Quando a *Libras* encontra o território

*Memória, Protagonismo e Educação Bilingue*







Fabiana Schmitt Corrêa

# Quando a *Libras*

## encontra o território

*Memória, Protagonismo e Educação Bilingue*



Copyright © 2026 Autora

*Editores:* José Roberto Marinho e Victor Pereira Marinho  
*Preparação de originais:* Horizon Soluções Editoriais  
*Projeto gráfico e Diagramação:* Horizon Soluções Editoriais  
*Capa:* Horizon Soluções Editoriais

*Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do Acordo da Língua Portuguesa.*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Corrêa, Fabiana Schmitt

Quando a libras encontra o território: memória, protagonismo e educação bilíngue. / Fabiana Schmitt Corrêa. - São Paulo: LF Editorial, 2026.

ISBN: 978-65-5563-732-8

1. Educação bilíngue - Brasil 2. Educação bilíngue de surdos 3. Memórias 4. Mulheres - Biografia I. Título.

26-348047.0

CDD - 370.1175  
920.72

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação bilíngue 370.1175
2. Mulheres: Biografia 920.72

Livia Dias Vaz – Bibliotecária – CRB-8/9638

ISBN: 978-65-5563-732-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão dos autores. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*



**LF Editorial**

Fone: (11) 2648-6666 / Loja (IFUSP)

Fone: (11) 3936-3413 / Editora

[www.livrariadafisica.com.br](http://www.livrariadafisica.com.br) | [www.lfeditorial.com.br](http://www.lfeditorial.com.br)

## CONSELHO EDITORIAL

**Amílcar Pinto Martins**

Universidade Aberta de Portugal

**Arthur Belford Powell**

Rutgers University, Newark, USA

**Carlos Aldemir Farias da Silva**

Universidade Federal do Pará

**Emmánuel Lizcano Fernandes**

UNED, Madri

**Iran Abreu Mendes**

Universidade Federal do Pará

**José D'Assunção Barros**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Luis Radford**

Universidade Laurentienne, Canadá

**Manoel de Campos Almeida**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**Maria Aparecida Viggiani Bicudo**

Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

**Maria da Conceição Xavier de Almeida**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Maria do Socorro de Sousa**

Universidade Federal do Ceará

**Maria Luisa Oliveras**

Universidade de Granada, Espanha

**Maria Marly de Oliveira**

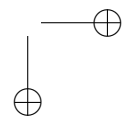
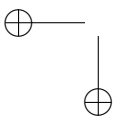
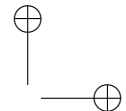
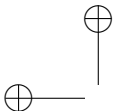
Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Raquel Gonçalves-Maia**

Universidade de Lisboa

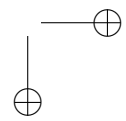
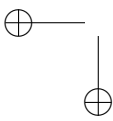
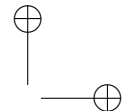
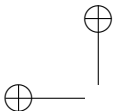
**Teresa Vergani**

Universidade Aberta de Portugal



Para minha família e para a comunidade surda,  
onde aprendi que a língua mora no corpo  
e que o silêncio também fala.

Para as crianças surdas,  
que encontrem, desde cedo,  
uma língua que as abrace  
e um mundo disposto a escutá-las com os olhos.



# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>11</b>
<b>Prefácio</b>	<b>13</b>
<b>1 Introdução</b>	<b>19</b>
1.1 Sobre os caminhos metodológicos . . . . .	22
<b>2 A Descoberta da Surdez</b>	<b>27</b>
<b>3 Ser surdo e ser filho: a construção dos vínculos...</b>	<b>37</b>
<b>4 Protagonismo Surdo: quando a escuta se faz...</b>	<b>47</b>
4.1 Protagonismo surdo: entre a memória, a resistência e a reexistência . . . . .	49
4.2 Protagonismo surdo e educação: o espaço escolar como arena de construção ou silenciamento	53
<b>5 O Ensino Bilíngue: língua, identidade...</b>	<b>63</b>
5.1 A experiência bilíngue em Blumenau: quando a Libras circula entre todos . . . . .	66
5.2 Educação bilíngue e o reconhecimento do sujeito surdo . . . . .	69
5.3 Relações de poder, minorias linguísticas e práticas bilíngues . . . . .	72
5.4 A educação bilíngue como horizonte de equidade	74

<b>6</b>	<b>Cultura surda: experiências, pertencimento ...</b>	<b>79</b>
6.1	Identidade surda: tornar-se, pertencer e protagonizar . . . . .	94
<b>7</b>	<b>Território e memória coletiva: a comunidade...</b>	<b>99</b>
7.1	Da convivência à institucionalização: a Associação de Surdos de Blumenau (ASBLU) . . . . .	102
7.2	A associação como território de pertencimento, resistência e mobilização coletiva . . . . .	107
7.3	Experiência na escola bilíngue: formação docente, circulação da Libras e práticas de pertencimento . . . . .	112
<b>8</b>	<b>O professor surdo como modelo linguístico vivo</b>	<b>119</b>
8.1	Aprender com o outro: encontros cotidianos na escola bilíngue . . . . .	123
8.2	Protagonismo surdo e construção da identidade estudantil . . . . .	126
8.3	O que essa trajetória produz no mundo? . . . . .	135
	<b>Posfácio</b>	<b>141</b>
	<b>Referências</b>	<b>145</b>
	<b>Sobre a Autora</b>	<b>151</b>

## Apresentação

**A** OBRA articula narrativas pessoais, experiências profissionais e relatos coletivos, construídos a partir de uma pesquisa qualitativa comprometida com a escuta sensível e com o reconhecimento do protagonismo surdo. Ao documentar histórias, práticas culturais e processos educativos, o livro valoriza saberes que, por muito tempo, permaneceram à margem dos registros oficiais, reafirmando a importância de narrar a história a partir da perspectiva de quem a vive.

Mais do que um relato memorialístico, este livro propõe reflexões sobre educação bilíngue, escola, associações surdas e formação identitária, evidenciando como os espaços de convivência, a presença de referências surdas e o acesso à Libras produzem deslocamentos profundos na experiência educacional e social. Trata-se de uma escrita que atravessa o campo acadêmico, mas preserva o cuidado com a palavra, o afeto e a dimensão humana das experiências narradas.

⑫ QUANDO A LIBRAS ENCONTRA O TERRITÓRIO

Ao reunir memória, pesquisa e compromisso ético com a comunidade surda, esta obra se apresenta como um gesto de registro, reconhecimento e continuidade — um convite para que essas histórias sigam circulando, inspirando novas leituras, encontros e transformações.

## Prefácio

**H**Á LIVROS que nascem de um projeto acadêmico. Outros nascem de uma urgência histórica. Este livro nasce do encontro entre vida, língua, território das mãos e saberes surdos e, por isso, ultrapassa a condição de relato individual para se constituir como memória coletiva da comunidade surda de Blumenau. Ao narrar sua trajetória, Fabiana não escreve apenas sobre si. Ela escreve a partir de um lugar de experiência surda, marcado por diagnósticos tardios, silenciamentos familiares, ausências linguísticas e, ao mesmo tempo, por encontros decisivos com a Libras, com a comunidade e com a educação bilíngue de surdo. O que se constrói ao longo das páginas não é uma autobiografia no sentido restrito, mas uma narrativa que articula história pessoal, escuta visual do outro e compromisso com a produção de conhecimento situado, vinculado a uma luta que ultrapassa fronteiras locais e alcança dimensões internacionais. Assim, antes mesmo da Libras, Fabiana

já vivia entre culturas, atravessada por múltiplos repertórios simbólicos que moldaram sua forma de perceber, interagir e habitar o mundo surdo e ouvinte.

Conheci Fabiana como acadêmica do curso de Letras Libras. Acompanhar sua formação foi testemunhar um movimento que este livro expressa com clareza: o deslocamento de uma vivência surda atravessada pela oralização e pela adequação linguística aos modelos ouvintes para a compreensão da experiência surda como ontolinguística, cultural e política. Essa travessia não é simples, nem linear. Ela carrega marcas de dor, culpa, tentativas de correção e expectativas impostas em elementos que o livro não suaviza, mas enfrenta com a honestidade de um mundo ocular surdo e com uma densidade reflexiva que ultrapassa os limites da mente e se inscreve no corpo, na língua e na experiência surda vivida. A escolha metodológica pelas narrativas (auto)biográficas e pelas entrevistas em Libras com membros da comunidade surda de Blumenau revela um posicionamento ético claro: abre diálogo com os surdos, e não sobre eles. Ao articular sua história às histórias de outras vidas surdas, a autora constrói um espaço de escuta em que

Prefácio

15

o individual e o coletivo se entrelaçam, produzindo sentidos que só emergem quando a língua de sinais ocupa o centro do processo investigativo. Trata-se de uma escrita que reconhece a Libras não como instrumento auxiliar, mas como língua de produção de pensamento, memória em mãos e olhos em interpretação do mundo, seja ele da escrita ou da sinalização em Libras.

O livro evidencia que o diagnóstico, por si só, não garante o direito à comunicação. As experiências relatadas, tanto da autora quanto das pessoas entrevistadas, mostram que o acesso tardio à Libras e a negação da língua no espaço familiar produzem impactos profundos no desenvolvimento linguístico, afetivo e identitário. Esses efeitos não decorrem do ser surdo em si, mas das barreiras impostas quando se ignora que a experiência surda se organiza prioritariamente pelo olhar, sendo assim, é com os olhos que o ser surdo escuta, compreende e constrói sentido. Ao mesmo tempo, o texto revela como o encontro com a comunidade surda e com a língua de sinais reconfigura trajetórias, permitindo que muitas pessoas surdas nomeiem, finalmente, aquilo que sempre lhes

16

## QUANDO A LIBRAS ENCONTRA O TERRITÓRIO

pertenceu, seja ela a língua de sinais. Um dos pontos mais potentes da obra está na articulação entre protagonismo surdo e educação bilíngue. Fabiana demonstra que o protagonismo não é concessão do olhar ouvinte, mas resultado de um processo histórico de resistência, organização coletiva e afirmação identitária. As associações surdas, os encontros comunitários, a criação da Associação de Surdos de Blumenau e a atuação em escolas bilíngues aparecem como territórios de reexistência, na qual a Libras circula como língua viva e em que as comunidades surdas se reconhecem como autores de suas próprias narrativas.

Nesse sentido, a figura do professor surdo ocupa lugar central. O livro mostra que a Libras se aprende, sobretudo, na convivência: no corpo que sinaliza, no olhar que sustenta a interação, no gesto verbal (sinais) que produz sentido. O professor surdo não é apenas mediador linguístico; ele é referência viva, possibilidade concreta de identificação e espelho de futuro para estudantes surdos. Ao registrar essas experiências, a autora contribui de forma significativa para o debate sobre formação docente e práticas pedagógicas bilíngues.

Prefácio

17

Mais do que defender um modelo educacional, o texto afirma uma concepção de educação comprometida com o reconhecimento da diferença como potência. A educação bilíngue de surdos aparece, aqui, não como metodologia opcional, mas como condição para que a escola deixe de reproduzir exclusões históricas e passe a construir pertencimento. Ao situar a Libras como língua primeira e o português como segunda língua, a obra rompe com lógicas adaptativas e reafirma o direito do estudante surdo a uma experiência escolar plena. Este livro importa porque devolve a visibilidade às histórias que, por muito tempo, permaneceram à margem. Importa porque registra a memória da comunidade surda de Blumenau como parte viva da história da cidade. Importa, ainda, porque dialoga com famílias, professores, pesquisadores e gestores, sem perder o vínculo com as crianças surdas que ainda estão por vir. E importa, sobretudo, porque é escrito desde dentro da experiência surda, com compromisso ético, sensibilidade inscrita na pele surda e o rigor de quem busca justiça linguística.

Que esta leitura funcione, como a própria autora sugere, como espelho e como janela. Espelho para

18

## QUANDO A LIBRAS ENCONTRA O TERRITÓRIO

quem se reconhece nas trajetórias narradas e reencontra, na língua e no corpo, fragmentos de si. Janela para quem deseja aprender a escutar com os olhos, com a história, com a presença e com os modos ontolinguísticos de existir no mundo. Que este livro circule, provoque, forme e permaneça em movimento, assim como a Libras em corpo vivo, assim como a experiência ontolinguística que se faz língua, história surda e comunidade que faz o despertar em movimento do povo surdo.

**Shirley Vilhalva (Kuñã Rory)**

Professora Indígena surda

Pesquisadora da UFMS

1

## Introdução

**N**ASCI SURDA em uma família na qual os sons já eram uma questão central. Meus pais, ouvintes, carregam raízes fortes e contrastantes: meu pai, de origem alemã, cresceu no interior de Alto Baú e encontrou em Blumenau sua profissão como metalúrgico. Minha mãe, de ascendência italiana, veio das proximidades de Rio dos Cedros para trabalhar como enfermeira em um hospital da cidade. Foi ali que se conheceram — um encontro inesperado entre um paciente e sua cuidadora, que desafiou preconceitos e uniu duas histórias distintas em um só destino. Mais de cinco décadas depois, estão juntos, ainda compartilhando os frutos dessa união.

Minha irmã Adriana, dez anos mais velha, foi a primeira grande alegria desse casal que sonhava com uma família grande. Mas, ao completar três anos, o

silêncio começou a preocupar. Ela não falava. Apenas gestos, resmungos e apontamentos tentavam traduzir o que sentia. Meus pais, angustiados, buscaram respostas. Naquela época, nos anos 1970, o diagnóstico de surdez foi recebido como um choque, um luto, em um tempo com pouquíssima informação e tecnologia. Adriana iniciou sua jornada na APAE, fez fonoterapia e começou a falar com esforço aos oito anos, mas sempre enfrentou barreiras imensas para ser compreendida.

Essa experiência mudou os planos de meus pais. O desejo de ampliar a família deu lugar ao medo de repetir a surdez em outro filho. Ainda assim, o destino — ou talvez algo maior — tinha outros planos. Quando minha mãe estava grávida de mim, enfrentou meses de angústia. Será que eu também nasceria surda? Amigos e familiares rezavam para que eu “nascesse falando”, e logo veio a surpresa: antes de completar um ano, eu já dizia “água” e era tão comunicativa que acreditaram que eu ouvia perfeitamente. Minha infância foi marcada por uma convivência rica e desafiadora com minha irmã. Eu entendia tudo o que ela dizia, mesmo quando outras pessoas não con-